



# HISTÓRIAS AFRICANAS

recontadas por  
Ana Maria Machado

Ilustrações de  
Laurent Cardon

Quinteto





HISTÓRIAS  
AFRICANAS





# HISTÓRIAS AFRICANAS

recontadas por  
Ana Maria Machado

Ilustrações de  
Laurent Cardon

1ª edição

**Quinteto**

2018

# Quinteto

Copyright © Ana Maria Machado, 2018

Todos os direitos reservados à

**QUINTETO EDITORIAL LTDA.**

Rua Rui Barbosa, 156, 1º Andar, Sala 1 – São Paulo – SP

CEP 01326-010 – Tel. (0-XX-11) 3598-6000

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

**Editor especialista** Luís Camargo

**Revisora** Lívia Perran

**Ana Maria Machado** é autora de mais de cem livros. É traduzida em 19 países. Em 2000, ganhou o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil mundial. Em 2001, recebeu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis. Em 2003, entrou para a Academia Brasileira de Letras. Recebeu o Prêmio Príncipe Claus 2010, da Holanda, concedido a artistas e intelectuais de reconhecida contribuição nos campos da cultura e do desenvolvimento.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Ana Maria

Histórias africanas / recontadas por Ana Maria Machado ; ilustrações de Laurent Cardon. – 1. ed. – São Paulo : Quinteto Editorial, 2018.

ISBN 978-85-8392-132-5

I. Contos – Literatura infantojuvenil I. Cardon, Laurent. II. Título.

18-15423

CDD-028.5

### Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantil 028.5
2. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

A Quinteto Editorial foi fundada em 1984.

Desde então, dedica-se à literatura infantil e juvenil, publicando os mais renomados autores desse segmento.







## CONVITE À LEITURA

Olá, leitor.

Já pensou por que pessoas de diferentes idades se reúnem em torno de um contador de histórias? Antes da invenção da escrita, muitos povos inventavam histórias e as transmitiam, de geração em geração, de boca em boca, mas, principalmente, por meio dos contadores de histórias.

Apenas para divertir, passar o tempo, mexer com as emoções?

Muito mais do que isso, as histórias da tradição oral carregam o modo de viver e os valores de uma determinada cultura.

As quatro histórias aqui recontadas revelam um pouco do “riquíssimo universo da tradição oral africana” e, mais que isso, uma das nossas matrizes culturais fundamentais.

Você vai se emocionar com o amor do príncipe Kia-Tumba pela filha do Sol e da Lua e a inteligência que revela para realizar seu desejo. Vai aprender sobre a importância do trabalho em equipe no conto “Os viajantes e o monstro”. Vai encontrar uma versão nigeriana da história “O cágado e a festa no céu”, que Sílvio Romero registrou em Sergipe, seu estado natal, em meados do século XIX.

Mas essas histórias têm ainda outros encantos, que você vai descobrir.

Elas foram selecionadas e recontadas por Ana Maria Machado, reconhecida internacionalmente como uma das mais importantes escritoras brasileiras de livros para crianças e jovens.



Um tesouro  
inesgotável.....10

A filha do Sol  
e da Lua.....14



As garras  
do Leopardo.....27

Os viajantes  
e o monstro.....32

Mesmo lugar,  
outra festa....43

Quem é Ana Maria  
Machado....54



Quem é  
Laurent Cardon....55

Informações  
paratextuais....56

# UM TESOURO INESGOTÁVEL

Os sonhos, as lembranças e histórias que povoam as cabeças brasileiras devem muito à África. A muitos países diferentes desse continente enorme, de grande variedade cultural. Mas a quase totalidade dos africanos que vieram para o Brasil não veio porque quis, e sim trazida à força, no porão de navios, como prisioneiros, para serem escravos. E não se pode dizer que vinham de países que já tivessem os nomes e as fronteiras que têm hoje em dia, quando olhamos um mapa da África. Muitas vezes esses limites são recentes e artificiais, impostos por antigos colonizadores, após guerras cruéis. Então, nem sempre dá para saber de onde vem uma história, ainda mais porque elas eram contadas em diferentes aldeias, repetidas em mercados distantes,

e seguiam viajando por aquelas terras, nas palavras e nas memórias de contadores fantásticos – na África, contar histórias é uma arte altamente desenvolvida e respeitada.

No que se refere aos relatos que selecionei para este livro, nem sempre foi possível saber de onde vinham. Há anos, visitando um museu, encontrei e anotei o resumo da história das garras do Leopardo, com a indicação de que fora recolhida no Quênia. Mas de que povo? Dos Massai? Dos Watusi? Não sei. Sei que a história do monstro e dos viajantes é contada pelos Quiocos, de Angola, e está incluída num livro que comprei em Luanda quando estive por lá, ainda durante a guerra de independência. Em compensação, posso localizar muito

bem a fonte da história da festa no céu, diferente, mas parecida com a que tantos folcloristas recolheram no Brasil, entre nossos caboclos e indígenas, muito antes: ela é contada por um personagem do livro *O mundo se despedaça*, do premiado autor nigeriano Chinua Achebe.

Estes contos são apenas uma pequena amostra do riquíssimo universo da tradição oral africana. Com seus animais espertos, sua gente solidária, seus curandeiros sábios, suas festas regadas a vinho de palma em torno a banquetes de inhame e peixe, suas evocações de noites a contemplar o céu estrelado, retratam sociedades às voltas com problemas sérios, como a escravidão, a seca e a ameaça de fome. Mas, sobretudo, trazem o testemunho de imaginação fértil e de comunhão com a natureza. E nos despertam para buscar outras histórias desse tesouro inesgotável.

*Ana Maria Machado*



# A FILHA DO SOL E DA LUA

Era uma vez, lá na África, um reino que tinha um dos mais belos príncipes que já existiram no mundo. Alto e de porte elegante, era o melhor caçador, o mais forte lutador e o mais veloz corredor a atravessar as savanas. Chamava-se Kia-Tumba. Todas as moças de sua terra e das terras vizinhas suspiravam por ele. Mas ele tinha encasquetado de casar com uma moça que não era de nenhum daqueles lugares. Na verdade, nem era da Terra.





– Sonhei com ela uma vez e me apaixonei. Quero casar é com a filha do Sol e da Lua.

“Sortuda, essa moça”, pensaram as outras. Mas o que todos os moradores do reino pensaram mesmo foi outra coisa, bem como o pai do príncipe, que perguntou a ele:

– E como é que você vai conseguir isso? Tem ao menos algum jeito de falar com ela? Mandar um recado? Fazer o pedido de casamento? E depois? Se ela aceitar, você vai se mudar para o céu? Ou ela vem morar aqui?

Verdade... Era um monte de problemas juntos. O príncipe então resolveu primeiro arranjar um mensageiro. Saiu perguntando:

– Gazela, você, que corre tão veloz, pode levar uma carta minha com um pedido de casamento para a filha do Sol e da Lua?

– Impossível, Kia-Tumba. Como é que eu vou chegar lá na casa dos pais dela?

O príncipe não perdeu as esperanças. Pediu a todos os bichos velozes da terra, como o coelho, o guepardo e o antílope. Pediu a todos os bichos que nadavam e podiam seguir pela correnteza dos rios, como o peixe, o hipopótamo e o crocodilo. Pediu a todos os bichos chatinhos e pequeninos que se metem voando em todo canto, como o mosquito, a vespa e o besouro. Pediu aos

grandes pássaros que voam bem alto, como a garça, o abutre e o falcão. Todos achavam que ele tinha ficado meio maluco e respondiam:

– Impossível, Kia-Tumba. Como é que eu vou chegar lá na casa dos pais dela?

Ele guardou a carta numa caixinha de marfim e ficou esperando uma oportunidade. Sabendo disso, a rã foi falar com ele.

– Se você me der a carta, eu dou um jeito de entregar.

– Como?

– Deixa comigo que dou um jeito.

– Vou te dar a carta. Mas não zombe de mim. Se não conseguir, eu te dou é uma surra que vai acabar com você.

A rã sabia que o Sol e a Lua eram muito poderosos e tinham escravas que sempre vinham à Terra buscar água fresquinha nas fontes. Todas as rãs, sapos e pererecas sabiam disso. Ela mesma já as tinha visto mais de uma vez, num dos poços que as carregadeiras de água preferiam. E tinha um plano.

Todo dia, a rã passou a ir para junto do poço, com a caixinha de marfim onde a carta estava guardada. Não precisou esperar muito. Daí a poucos dias, as escravas chegaram, mais uma vez. Rapidamente, a rã pulou no poço com a caixa. E, quando os cântaros de argila foram baixados, ela se meteu num deles. Assim, acabou sendo levada para o céu.



Ao chegar ao palácio do Sol, saltou para fora do cântaro, abriu a caixinha, tirou a carta de dentro, deixou bem à vista e foi se esconder num cantinho.

Quando o Sol entrou, imediatamente viu aquele envelope endereçado a ele. Abriu-o, tirou de dentro um papel e leu:

“Senhor Sol e senhora Lua,

Eu me chamo Kia-Tumba e vivo na Terra. Quero me casar com a filha do Sol e da Lua. Venho lhes pedir seu consentimento”.

– Como foi que essa carta chegou aqui? – gritou ele.

Ninguém sabia dizer. Então o Sol resolveu que também não ia falar com ninguém sobre aquilo. Guardou a carta e pronto. Fez de conta que não existia.

Daí a alguns dias, a água estava acabando e as escravas voltariam novamente à Terra para ir às fontes. A rã se meteu num cântaro vazio e foi com elas. Quando chegaram ao poço, ela saltou para fora quando as carregadoras de água estavam distraídas e se escondeu atrás de uma pedra. Depois que as moças foram embora, saltitou até a cabana de Kia-Tumba, lá na aldeia. Assim que o príncipe a viu, perguntou:

– Trouxe uma resposta para mim? Ou veio receber sua surra?

– Nem uma coisa nem outra. Vim só dizer que fiz minha parte. Entreguei a carta a quem devia. Mas ele não respondeu.

Kia-Tumba não gostou. Olhou firme para ela, de cara zangada, mas o bichinho o encarou firme e ele achou que a rã estava dizendo a verdade. Resolveu acreditar:

– Então vou escrever de novo.

E escreveu:

“Senhor Sol e senhora Lua,

Já lhes escrevi pedindo a mão de sua filha. Escrevo de novo para repetir o pedido. Prometo fazê-la muito feliz. Com todo o respeito, Kia-Tumba”.

Tudo aconteceu como antes. A rã pegou a carta, esperou alguns dias junto ao poço até as escravas do Sol chegarem outra vez. Tornou a se esconder no cântaro de uma delas e foi novamente ao céu. Chegando lá, tornou a deixar o envelope bem à vista em cima da mesa e foi se esconder.

De seu cantinho, viu quando o Sol leu a carta e perguntou às escravas quem tinha trazido.

– Não fomos nós... – responderam elas.

Curioso e vendo que não conseguia descobrir, o Sol resolveu responder diretamente. Talvez assim decifrasse o mistério. Escreveu para Kia-Tumba e deixou a carta em cima da mesa.

Quando a sala ficou vazia, a rã saiu do esconderijo, pegou o papel dobrado, guardou na caixinha de marfim e ficou esperando o dia de voltar à Terra. Ao chegar lá embaixo, foi logo levar a resposta ao príncipe, que ficou muito feliz:

– Que bom que você estava dizendo a verdade! E que bom que eu confiei em você!

Abriu a folha dobrada e leu:

“Kia-Tumba,

Você que me escreve e quer casar com minha filha pode ter meu consentimento. Mas antes precisa vir até aqui trazer pessoalmente seu presente para o sogro, como todo bom noivo deve fazer”.

Era exatamente isso que os costumes mandavam: que o noivo acertasse com os pais da noiva um preço, geralmente em cabras, sacos de inhames, tecidos ou outros bens preciosos. Mas essa visita não ia ser possível, é claro. E Kia-Tumba tornou a escrever ao Sol:

“Senhor Sol, meu futuro sogro,

Infelizmente, essa minha viagem da Terra para o céu não será possível. Nem posso lhe enviar presentes pesados e grandes, devido às dificuldades de frete. Mas lhe mando algo menor que vale o mesmo. E fico aqui na Terra cuidando dos preparativos para o casamento”.

O presente era um saco com 40 moedas de cobre.

Mais uma vez, pelo mesmo sistema, a rã levou a carta e o presente. O Sol ficou todo satisfeito, mostrou à Lua, falou com a filha. Todos concordaram que aquele noivo parecia interessante. Valia a pena aceitar.

Agora, só faltava marcar a data do casamento. Ah, e o mais importante: descobrir um jeito para que a filha do Sol e da Lua pudesse ir até a Terra. Para isso iam ser necessários os poderes dos pais dela. Mas eles nem pensavam nisso.

Então a rã teve uma ideia: sempre pelo mesmo sistema da carona nos cântaros da fonte, levou até o céu umas folhas de uma planta dormideira. Quando o Sol foi se deitar e tudo ficou escuro, ela pingou nos olhos da filha deles um suco dessas folhas. De manhã cedo, a moça não conseguia abrir os olhos.

Ficaram todos aflitos, sem saber o que fazer, achando que a filha tinha ficado cega. E mandaram consultar o curandeiro do céu.

Ouvindo a história toda, o Sábio Homem disse:

– Isso não é cegueira. É um encantamento. Vocês têm de enviar a moça à Terra o mais rápido possível, para ela não morrer. Ainda hoje.

Escondida em seu canto, a rã ouvia tudo. Como as escravas estavam saindo justamente naquela hora, aproveitou para se esconder num cântaro de argila e voltou com elas para a Terra, onde se apressou a dar a boa notícia a Kia-Tumba:

– Hoje mesmo sua noiva vem.

– Como?

– Não sei. Só sei que vem.



Passaram o dia todo esperando, e nada.

É que o Sol ordenara à aranha que esperasse a noite para tecer uma teia inclinada, cor de prata, bem forte, capaz de aguentar o peso da filha deles quando ela descesse. Era numa teia assim enladeirada que as escravas costumavam vir. Uma teia tão fina que ficava quase invisível e nem mesmo a rã, tão esperta, tinha reparado nela.

Essa agora seria mais forte, para a moça poder trazer seu enxoval e seu séquito de escravas. E a Lua achava que o melhor era que eles esperassem, para que a descida fosse à noite, sem que alguém pudesse ver a rampa de fios e quisesse aproveitar para subir. No escuro era mais protegido. E quem visse alguma coisa podia achar que estava sonhando, eram só os raios do luar...

Logo que anoiteceu, devagarzinho, a filha do Sol e da Lua veio deslizando do céu à Terra, escorregando pela teia que chegava até o poço. Assim que chegou, a rã lavou os olhos dela com água da fonte, até passar o efeito das folhas de dormideira. Depois, lhe disse:

– Não tenha medo. Estou aqui para levá-la para junto de seu noivo.

Foram até a cabana de Kia-Tumba, e a rã bateu à porta. O príncipe mal podia acreditar que a moça deslumbrante com quem tanto sonhara estava ali, em pessoa, à sua frente, para se casar com ele.

– Como vê, cumpri o que prometi – disse a rã. E se afastou aos pulos, sem nem esperar uma recompensa.

Foi assim que um homem da Terra se casou com a filha do Sol e da Lua. E é por isso que todas as rãs foram sempre muito protegidas por todos os descendentes deles.



PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Historias Africanas Ana Maria Machado..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).